

O diário de Visconde de Inhaúma

Guilherme de Andrea Frota

Bacharel e Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica, diplomado pela Escola Superior de Guerra, foi Professor efetivo do Quadro Permanente do Magistério do Comando da Marinha. Autor de diversos trabalhos, sendo de sua autoria o livro Quinhentos Anos de História do Brasil (BIBLIX, 2000). Membro de várias instituições, dentre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Atualmente, pertence ao Corpo Docente do Curso de Pós-Graduação em História Militar Brasileira, realizado em parceria da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro com o Comando do Exército.

RESUMO

Esta comunicação tem por propósito primordial apresentar o diário do Visconde de Inhaúma, fonte primária de notável importância, não só porque foi escrita pelo próprio Comandante-em-Chefe da Esquadra, como porque existem poucas fontes sobre a atuação da Marinha e de seus chefes na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

PALAVRAS-CHAVE: Visconde de Inhaúma, Diário do Visconde de Inhaúma, Campanha Naval da Guerra da Tríplice Aliança

ABSTRACT

This paper is the primary purpose of the present day Viscount of Inhaúma, the primary source of considerable importance, not only because it was written by the Fleet Commander, but also because there are few sources on the performance of the Navy and its leaders in Triple Alliance War against Paraguay.

KEY-WORDS: Viscount of Inhaúma, Diary of Viscount of Inhaúma, Naval Campaign of the Triple Alliance War

Joaquim José Ignácio nasceu em Lisboa a 1^a de agosto de 1808, filho de um oficial da Marinha de Portugal. Com menos de dois anos, veio para o Brasil trazido por seus pais em navio que transportava restos de bagagem do Príncipe Regente Dom João, cuja Família Real trasladara para o Brasil em fins do ano anterior.

Na cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte, o menino estudou e optou por entrar na Academia Real de Marinha, tornando-se guarda-marinha na mesma ocasião que o Brasil realizava a sua independência do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e se transformava no Império do Brasil, sob o governo de Dom Pedro I.

Jovem oficial, Joaquim José participou da Guerra da Cisplatina. Cumpriu diversas comissões próprias da carreira de oficial embarcando e desembarcando de vários navios da Esquadra. Esteve presente na pacificação da Província do Maranhão, bem como na do Rio Grande de São Pedro, agitada pelos revolucionários farrapos, e em Pernambuco, quando os praieiros se insurgiram contra o governo legal. Dirigiu o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro conseguindo prontificar diversas unidades e reformar outras. Membro do Conselho Naval, foi chamado a participar do Gabinete Caxias, sendo o primeiro oficial de Marinha a ocupar a Pasta, organizando também o recém-criado Ministério da Agricultura e Obras Públicas. Não pôde realizar tudo o que desejava no curto período em que esteve como governo. Com a nomeação do Marquês de Caxias para o Comando das forças brasileiras que atuavam contra o Governo do Paraguai, este chefe convidou-o para assumir o comando da Esquadra, já que o Visconde de Tamandaré retirava-se para o Rio de Janeiro. Assim, Joaquim José Ignácio, Chefe-de-Esquadra, aceitou a missão, sendo nomeado interinamente para o cargo em dezembro de 1866, nele permanecendo até janeiro de 1869.

Não há qualquer indício do porquê este insigne Chefe Naval tomou a deliberação de escrever um diário que registrasse os episódios do cotidiano deste seu comando. Não existe nada de parecido a respeito de sua vida e atividades que precederam este comando. É bem verdade que Joaquim José Ignácio não se limitava à profissão que abraçara. Era um cristão fervoroso e militava na maçonaria desde jovem. E excursionava nas letras com facilidade tendo deixado escritos vários, traduções e cartas, muitas das quais perdidas. Do porquê tenha resolvido escrever este diário não é possível descobrir nem há, na família, alguma tradição oral que se possa aproveitar como explicação.

O diário apresenta-se escrito em quatro cadernos pautados de capa dura, comprados no comércio do Rio de Janeiro, mas fabricados em Paris com papel de muito boa qualidade e costurados na lombada. Joaquim José Ignácio escreveu sempre de próprio punho, não se utilizando de secretário ou escrevente, com a tinta ferrogálica então de uso na época. Sua letra é razoavelmente legível, mas muito pequena, dificultando a compreensão de algumas mas, felizmente, não muitas palavras. Apesar da sua antiguidade, o documento acha-se em bom estado, havendo, contudo, algumas páginas que se soltaram e outras cujas bordas estão se esfacelando, perdendo-se a identificação de algumas palavras.

Como o próprio título sugere, Joaquim José Ignácio, Barão e Visconde com Grandeza de Inhaúma, foi anotando, dia a dia, os assuntos que achava que devia registrar. Trata-se, evidentemente, de uma fonte primária de notável importância, não só porque partiu do próprio Comandante-em-Chefe da Esquadra, como porque existem poucas fontes sobre a atuação da Marinha e de seus chefes nesta guerra. Apresentava-se, assim, primordial para o estudo das operações navais e de tudo que se passava na Esquadra. Não vamos, porém, imaginar que o diário modifique o que se conhece sobre a guerra em traços gerais. Complementa, certifica e, sobretudo, permite confirmar episódios ou passagens da referida campanha. Não pensemos, porém, que o Visconde limitou-se apenas a observar neste seu diário somente as coisas de Marinha. O documento apresenta diversas outras vertentes, como o estado sanitário, movimentação de navios e oficiais, presença de estrangeiros, situações diplomáticas, observações sobre o inimigo, relação dos "passados", operações do Exército além, é claro, de algumas observações

sobre a sua pessoa e as incomodidades que sofria.

O que realmente espanta o leitor deste documento é o seu linguajar solene, muito respeitoso quando se refere aos diversos personagens que vão desfilando ao correr de sua pena. Com relação ao Marquês de Caxias, por exemplo, sempre se refere "o Sr. Marquês" ou "Sua Excia." ou mesmo "o Sr. Comandante-em-Chefe". Teria imaginado que algum dia este documento seria retirado do esquecimento e publicado? Difícil resposta. Pouco deixa transparecer sobre os seus sentimentos e dificuldades que se acumulavam à medida que a guerra se prolongava e descontentava aos seus opositores e desconhecadores da arte de se fazer a guerra.

Não sei afirmar quantas pessoas possam ter lido este diário. Acredito que os quatro cadernos devem ter feito parte da bagagem do Visconde quando se deslocou do Paraguai para o Rio de Janeiro, em janeiro de 1869. É possível que tenha sido entregue a seu irmão Antonio José Victorino de Barros. O livro que este publicou em 1870, sob o título *O Visconde de Inhaúma*, uma quase biografia em tom apologético, deixa claro que consultou o diário e nele se inspirou para escrever alguns dos capítulos do citado livro, hoje obra muito rara.

Suponho que, em seguida, os volumes tenham sido entregues a sua filha segunda, Carlota de Mariz e Barros, casada com o médico da Marinha Manoel Joaquim da Rocha Frota, meus bisavós, e passados depois a meu avô, Guilherme Barros da Rocha Frota, que, como o pai, optou pela carreira médica e faleceu coronel médico da Polícia Militar. Muito sistemático e organizado, guardou com carinho o documento, passando-o a seu filho Fernando quando se formou na Escola de Marinha. Mas o meu tio Fernando não teve tempo de se dedicar ao assunto diverso da profissão marinha e da sua especialidade após a reforma, que foi a Marinha Mercante brasileira e seus problemas.

Eu nada sabia sobre este documento quando comecei a inclinar-me para os estudos históricos. E o fiz com paixão. Pouco depois de formado e já lecionando, meu tio Fernando entregou-me os quatro volumes do diário e, como bom militar, deu-me a missão a ser cumprida. Devia eu assim transcrevê-lo e publicá-lo. E essa foi a missão da minha vida que, agora, posso dizer que está cumprida.

Primeiramente, transcrevi manualmente o documento para poder compulsar o material em sua totalidade e evitar que o mesmo

fosse muito manipulado. Foi, assim, feita a cópia com a mesma grafia empregada originalmente. Depois, contratei um datilógrafo para que passasse tudo a limpo, perfazendo 303 páginas, tamanho ofício em espaço um. Em seguida, concluí que somente a sua publicação não atendia ao meu espírito de historiador; deviam ser identificados os personagens, bem como explicar termos de Marinha para o público leigo. Passaram-se muitos anos porque outros trabalhos iam sendo colocados na frente ou porque o cotidiano profissional, ministrando a cadeira de História do Brasil no Colégio Naval, em Angra dos Reis, absorviam todo o tempo disponível. Mesmo assim, prossegui reunindo o disperso nos arquivos e bibliotecas públicas, tudo feito com o magro soldo de professor. Aposentado, resolvi retomar a missão imposta e aproveitar o ano de 2008, comemorativo do bicentenário do nascimento do Visconde. Precisava, porém, encontrar um auxiliar, um assistente com conhecimento na área de informática. Enquanto procurava aliciar alguém para a difícil tarefa, contratei um digitador para passar o texto para o disquete para ser o mesmo, em seguida, manipulado em computador. Meses se passaram enquanto eu já procurava iniciar o trabalho de pesquisa histórica.

Por um acidente do destino, descobri interesse em um estudante de História. Marcos Vinicius Ribeiro de Lima aceitou o trabalho mediante um salário que lhe permitia suprir os estudos universitários. Foi assim que empreendemos a jornada de múltiplas revisões, pesquisa e organização do trabalho que hoje é apresentado ao público em lançamento nesta Casa de Memória Nacional. Elaborei um esboço biográfico do Visconde objetivando introduzir a sua personalidade ao leitor e, também, preencher lacunas sobre as dificuldades que teve de enfrentar e que não são relatadas no diário. Infelizmente, a maior parte das cartas escritas pelo Visconde está perdida. Cheguei a ver, sem que me fosse permitido tocar, as cartas endereçadas a sua mulher, de posse da família Andrade Pinto. Não imagino o destino que tiveram; uma delas foi entregue por Nelson Andrade Pinto ao Vice-Almirante Levy Paiva Aarão Reis, então Diretor do Serviço de Documentação da Marinha, para integrar o acervo da Instituição, datada do dia da Passagem de Humaitá. Não sei onde se encontra atualmente.

Finalmente, devo declarar que as cartas publicadas na revista *Semana Ilustrada*, editada por Henrique Fleiuss e assinadas sob o pseudônimo de "Leva Arriba", creio ser de sua autoria, como aliás é tradição da família.